

Era uma vez.....

Luiz Carlos Corrêa Carvalho

*“Quer? Então faça acontecer,
porque a única coisa que
cai do céu é a chuva”*
Vinicius de Moraes

Disse Guimarães Rosa que *“quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo”*. Caminhando nesse otimismo e no vale de lágrimas onde está o setor produtivo canavieiro, é interessante rever momentos passados:

Entre 1990 e 2002 o setor (hoje sucroenergético) de açúcar e de álcool de então viveu um longo período de indefinições e de diferentes visões de mundo, onde o álcool era motivo de reuniões e desavenças sobre expandir ou não, sobre ter sua prioridade como aditivo ou carburante, tudo em meio a uma reversão (para baixo) nos preços do petróleo a partir da segunda metade dos anos 1980. Sua sobrevivência, como produto, era função dos efeitos posteriormente nominados como a base do processo de desenvolvimento sustentável – os impactos econômicos (renda; balança comercial; investimentos), os sociais (empregos) e os ambientais (poluição atmosférica e saúde; emissões de CO₂ pelos combustíveis fósseis e a sua mitigação pelo etanol e posteriormente, pela bioeletricidade). O relato desse período de idas e vindas, com as ações fundamentais ao setor deixadas sempre para depois, pode ser resumido em um verdadeiro rosário de reuniões em Brasília, em um período de profundas mudanças no perfil de governança do país, com a leitura clara da queda do Muro de Berlim e a nova onda de democracia e livre mercado. O setor recebeu (tendo sido dito que eram os últimos esqueletos no armário) uma correção importante dos seus preços em 1992/93 (FHC) e entrou em “hibernação”. Foi um período muito difícil mas, vale lembrar Mário Quintana, seguindo a máxima de que *“o sorriso enriquece os recebedores sem empobrecer os doadores”*, com uma forma civilizada de debates (infelizmente isso não se vê nos dias atuais).

Tratava-se de um período em que a demanda de etanol hidratado mostrava queda livre e perspectivas sombrias setoriais com o final da história do carro a álcool. Era um período de aperto de caixa, endividamento mostrando a necessidade de saídas, o Nordeste preocupado especificamente com renda e o Centro-Sul dividido entre preços e renda e a expansão da demanda do etanol hidratado. No auge das discussões onde o carro flexível já era outra variável em questão, surge a possibilidade de um milagre na figura do Governador Mario Covas, de São Paulo. Isso fazia lembrar Guimarães Rosa e seu texto citado, e, de fato, aconteceu. Sem dúvidas, o mais importante fato do processo de correção setorial veio na esteira da visão política daquele grande governador paulista, secundado pelas efetivas ações implantadas pelo governo FHC.

Essa síntese de uma história com um começo tresloucado (Fernando Collor de Mello), um meio longo e indefinido e um final meio milagroso, levaram à criação da CIDE, efetivou o nível de mistura de álcool anidro na gasolina, confirmou o menor IPI ao carro a álcool e travou intensa coordenação com os EUA e Suécia na questão do etanol. Como as empresas de outros vários setores no Brasil, houve, no setor sucroalcooleiro, um primeiro importante processo de consolidação. Os produtos setoriais eram precificados pelo mercado e sendo a referência aos

preços da matéria prima, como evolução, e, do lado negativo, aconteceu a crise do apagão elétrico. Os programas sociais implantados (vale-escola, vale-gás e outros), assim como a moeda estabilizada em inflação domada, foram ações voltadas à sustentabilidade.

No lado internacional a globalização e a nova sociedade da informação faziam revoluções e valorizavam a sustentabilidade de todas as ações. Afinal, os limites do planeta Terra estavam configurados e o setor sucroenergético preparado para nova fase.

Em 2004 começa outro ciclo em outras condições..... os preços do petróleo voltam a subir após estabilizados em todo o período anterior comentado. Os olhares externos, todos, se voltaram ao Brasil e seu imenso potencial de produção de energia renovável, de forma sustentável.

O Brasil tinha custos de produção de etanol menores que os preços domésticos da gasolina, além de enorme potencial de co-geração de energia elétrica de subprodutos da cana-de-açúcar, uma frota de carros flexíveis com enorme sucesso após lançamento em 2003 (acima de 85% de vendas sobre o total de carros leves comercializados mensalmente). O que aconteceu foi uma chuva de investimentos com mais de 100 novos projetos “greenfields” em implantação espalhados em todo o Centro-Oeste e Sudeste do Brasil. Um sucesso!

Essa nova história tinha um impressionante contador de “causos”, Lula, que espalhava internacionalmente as maravilhas da energia renovável passadas a ele por Roberto Rodrigues, seu Ministro da Agricultura.

Mas, como sempre acontece, entre uma longa e difícil história (1990 – 2002) e uma boa narrativa (2003 – 2008), volta outra “era uma vez....”, negativa: Vem a crise global de crédito de 2008 com os discursos do Pré-Sal (o Brasil seria grande exportador de energia) e da crise como uma simples marolinha..... e inventou-se a nova matriz econômica, que subverteu a matriz energética congelando os preços da gasolina, desestimulando a oferta de etanol e aumentando desproporcionalmente as importações de gasolina. A CIDE foi zerada em 2012 e a produção estagnada. Estava recriada outra fase de instabilidade!

Na nova onda o Brasil entra em processo de volta da inflação, com resultados de déficit fiscal, maus resultados na balança comercial, etc, até chegar à perda de “rating” e uma imagem internacional cambaleante.

Nesse período desanimador, o anterior ciclo de alta das commodities vem para um ciclo de baixa e cai o preço do petróleo. A Petrobrás se mostra totalmente enlameada com a operação Lava Jato e o país com grave processo de governabilidade. O governo federal lança aumento de impostos (principalmente com a tentativa da volta da CPMF) e não se aproveita para corrigir a alíquota da CIDE de forma a recriar as condições para a volta dos investimentos no setor produtivo e a recomposição do desestruturado setor de bens de capital para o agronegócio canavieiro.

Nessa nova história, que começou em 2015 e será contada daqui há anos, espera-se também um grande final, sem atrapalhadas ou trapalhonas. Não será uma fábula, não terá heróis, mas conflitos, medos e sonhos. Certamente não será narrativa para criança dormir mas, provavelmente, tirando o sono dos adultos.

As fases ou jornadas de contos como esses, normalmente seguem 4 estações:

1. Travessia ou acontecimentos: espera-se a posição do Ministro Joaquim Levy, talvez em janeiro de 2016 em relação à CIDE corrigida pela inflação;
2. Encontro ou embate: o emponderamento do Ministro da Fazenda como um mago a realizar o feito do retorno corrigido da CIDE;

3. Conquista ou vitória: a derrota do inimigo, ou dos que se opõem à correção da CIDE;
4. Celebração ou o reconhecimento dos mortos em combate e um “viva” ao novo Rei.

Como conto, há monstros que nem sempre são eliminados, podendo reaparecer. Também como conto, há um final que se espera feliz considerando sempre os heróis desaparecidos em combate.

Afinal, um país que não os homenageia dificilmente terá um final feliz.

“Aqueles que não aprendem nada sobre os fatos desagradáveis de suas vidas, forçam a consciência cósmica que os reproduza tantas vezes quanto seja necessário, para aprender o que ensina, o drama que aconteceu. O que negas te submete. O que aceitas te transforma.”

Carl Jung